

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

24

U

LISBOA

Centro
de História



MHNIN AEIDE ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA

CENTRO DE HISTÓRIA
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Editor Principal:

NUNO SIMÕES RODRIGUES

FICHA TÉCNICA

Editor Principal / Editor-in-chief: Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos / Co-editors: Amílcar Guerra; Luís Manuel de Araújo

Assistentes de Edição / Editorial Assistants: Catarina Almeida; Eduardo Ferreira; Maria Fernandes; Martin Aires Horta; Tiago de Oliveira Alves

Redacção / Redactorial Commitee: Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa); Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa); Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa); Maria de Lurdes Palma (Universidade de Lisboa); Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa); José das Candeias Sales (Universidade Aberta); António Joaquim Ramos dos Santos (Universidade de Lisboa); Rogério Sousa (Instituto Superior de Ciências da Saúde); Ricardo Tavares (Universidade de Lisboa); Cláudia Teixeira (Universidade de Évora); Maria Ana Valdez (University of Massachusetts Lowell)

Comissão Científica / Editorial Board: Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano); John J. Collins (Yale University); Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico); Ken Dowden (University of Birmingham); José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra); Francolino Gonçalves (École Biblique et Archéologique Française de Jérusalem); Judith P. Hallett (University of Maryland); Lloyd Llewellyn-Jones (University of Edinburgh); Antonio Loprieno (Universität Basel); Josep Padró (Universitat Autònoma de Barcelona); Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa); José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa); José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid); Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra); Giulia Sissa (University of California, Los Angeles); Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid); Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

Arbitragem científica para a presente edição / Peer-reviewers for the current edition: Alberto Bernabé (Universidad Complutense de Madrid); José Luis Brandão (Universidade de Coimbra); Maria Cecilia Colombani (Universidad Nacional de Mar del Plata); Jose Miguel Serrano Delgado (Universidad de Sevilla); Paula Barata Dias (Universidade de Coimbra); Radcliffe Edmonds III (Bryn Mawr College); Thomas J. Figueira (Rutgers University); Roxana Flammini (Pontificia Universidad Católica Argentina); Rodrigo Furtado (Universidade de Lisboa); Marta González González (Universidad de Málaga); Helen King (Open University); Delfim Leão (Universidade de Coimbra); Fábio de Souza Lessa (Universidade Federal do Rio de Janeiro); Armando Martins (Universidade de Lisboa); Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa); Ana Elías Pinheiro (Universidade de Coimbra); José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa); Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra); Cláudia Teixeira (Universidade de Évora); Francisco Martín Valentín (Instituto de Estudios del Antiguo Egipto); Angélica Varandas (Universidade de Lisboa)

CADMO - Revista de História Antiga
Centro de História da Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa
cadmo.journal@letras.ulisboa.pt
<http://www.centrodehistoria-flul.com/cadmo.html>
<http://www.centrodehistoria-flul.com/cadmo-english.html>

Execução gráfica: Sersilito–Empresa Gráfica Lda.

Tiragem: 150 exemplares

Periodicidade: Revista Anual

Depósito Legal: n.º 54 530/92

ISSN: 0871-9527

Preço de venda ao público: €10.00

This work is funded by national funds by FCT – Foundation for Science and Technology under project UID/HIS/04311/2013



This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

Estudos

<i>José das Candeias Sales</i> Serpentes na colecção egípcia do Museu Calouste Gulbenkian	9
<i>Maria Cecília Colombani</i> La relación saber-poder-verdad en los Antiguos	31
<i>Isaque Pereira de Carvalho Neto</i> Mistério e repetição no mito de Ísis e Osíris.	51
<i>Filipe do Carmo</i> As Tiránias Sicilianas do Início do século V a.C. Aspectos Ideológicos do Poder. Parte III- Hieron.	69
<i>Gustavo Garcia</i> “That sickly and sinister youth”. The first considerations of Syme on Octavian as a historical figure	87
<i>Carla Susana Vieira Gonçalves</i> Tácito e o capítulo 42 do <i>Agricola</i>	111
<i>Paula Barata Dias</i> A Serpente Tartaruga. O testemunho de <i>O Fisiólogo</i> acerca dos monstros marinhos e da baleia	123
Recensões	143

ESTUDOS

A SERPENTE TARTARUGA: O TESTEMUNHO DE O *FISIÓLOGO* ACERCA DOS MONSTROS MARINHOS E DA BALEIA

THE TURTLE SERPENT: THE *PHYSIOLOGUS* TESTIMONY ABOUT SEA MONSTERS AND WHALES*

PAULA BARATA DIAS

Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa

pabadias@hotmail.com

Resumo: *O Fisiólogo* (Alexandria cristã, séc. II-III) é o modelo para os bestiários, uma tipologia literária de grande popularidade na Idade Média Europeia. Neste artigo, apresenta-se o estranho mas não fantástico animal que é a «serpente-tartaruga»: a sua complexidade fisiológica, o seu modo de agir, as consequências morais destas características. Por fim, relaciona-se este animal compósito com a natureza da «baleia», correspondente natural do «monstro marinho» na cultura bíblica e cristã.

Palavras-chave: O Fisiólogo, Bestiário, Bíblia, monstro marinho, baleia.

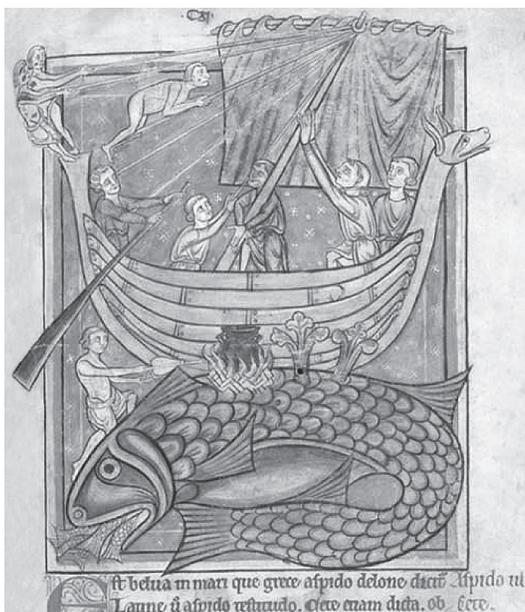
Abstract: *The Physiologus* (Christian Alexandria, II-III cent.) is the main model for the Bestiary, a kind of literature that granted a huge popularity in European Middle Ages. In this article, I present the strange, but not fantastic animal that is the «turtle-serpent»: its physiological complexity, its natural behavior and the moral consequences of these features. Finally, I relate this composite beast with the nature of the «whale» as the natural prototype of the «sea monster» in Biblical and Christian culture.

Keywords: *The Physiologus*, Bestiary, Bible, Sea-monster, Whale.

* Submissão: 16/02/2015; aceitação: 05/05/2015.

Fig. 1

A Serpente Tartaruga – Pensando tratar-se de uma ilha, os marinheiros atracam no corpo do animal e acendem fogo. Notem-se os pormenores dos peixes pequenos a entrar na boca do ser gigantesco e a disposição física enrolada do mesmo ao unir a cabeça à cauda. Séc. XIII, Salisbury, pergaminho 308 x 232, iluminura gótica policromada. The British Library, Getty Foundation, 2009, *Bestiário de Harley*, ms. 4751, fol 69r. *Catalogue of illuminated manuscripts*. <http://prodgigi.bl.uk/illcat/ILLUMIN.ASP?Size=mid&IIID=16587>.



O Fisiólogo constituiu uma coleção literária de seres físicos, zoológica, vegetal e mineral, para uso da cristandade antiga e medieval. Sendo os animais os casos mais representados, esta obra beneficiou de uma popularidade e divulgação na Idade Média só comparáveis à da própria Bíblia, pelo menos até ao séc. XIII. O impacto desta obra ao longo dos tempos deriva do seu assunto: os seres vivos animados, ou ‘animais’ companheiros de criação, uns próximos e familiares, outros distantes, esquivos, ou difíceis de observar, estimulam a curiosidade pois, enquanto procuram conhecer estes seres, com similitudes e diferenças em relação aos homens, empreendem também uma viagem de conhecimento e exploração da complexa natureza humana.

Grande parte do sucesso da receção de *O Fisiólogo* ao longo dos tempos, copiado, expandido e comentado em particular pelas traduções latinas, depende da sua transmissão direta, tendo sido divulgado em Latim e também nas línguas vernáculas, mas também, e com maior impacto a longo prazo, da sua transmissão indireta. Assim, encontramos-lo incluído, com omissões, expansões e modificações do texto original, num tipo literário muito popular na Idade Média, o bestiário. Esta coleção antiga de seres físicos tornou-se, portanto, pelas suas características compositivas e pelo seu cruzamento entre observação natural, interpretação espiritual e pedagogia moral, a matriz estrutu-

rante para o desenvolvimento deste particular género literário. A simplicidade da sua forma também, pensamos, não poderá ser desligada das suas qualidades enquanto texto adotado e destinado a grandes públicos: vários animais, reais e alguns fantásticos, algumas rochas e árvores (contudo tratadas como seres animados) são assunto de uma apresentação com aparência de ‘fichas’, em textos cuja mancha gráfica facilmente se acomoda numa página, considerados segundo um esquema compositivo permanente e repetitivo. Breves e aparentemente simples, estas ‘fichas’ de estrutura bastante formular não se dirigiam especificamente a especialistas, eruditos de zoologia ou a teólogos. Podiam facilmente apresentar uma circulação fragmentária, coincidente com o carácter fechado de cada texto ou entrada relativa a cada um dos seres e suportar ilustrações. Ofereciam também ao destinatário um conhecimento diverso quanto à variedade natural de mundos distantes ou mais exóticos, num tempo de mobilidade cada vez mais condicionada, em particular às muitas espécies estranhas, exóticas, claramente pertencentes a um espaço não familiar e progressivamente fundidas com o registo fantástico¹.

A popularidade e as muitas adaptações de *O Fisiólogo*, cujos textos se conjugariam com outros autores antigos de modo a constituir modelos mais longos e formalmente mais complexos que constituem os bestiários enquanto tipologia literária medieval podem ser

¹ Servimo-nos do texto grego apresentado na edição de Zucker (2005)132-133. As traduções do Grego para o Português são da Autora, à exceção dos textos da Bíblia Sagrada, que citamos a partir da ed. dos Capuchinhos. Damos continuidade ao projeto de estudo e tradução desta obra, iniciada em 2012 (Dias 29-39). Cox (1983) 433-446 comenta que quem tenta ver em *O Fisiólogo* a herança da *physica* aristotélica ficará desiludido, postura que apresentaram Festugière, Perry e Wellman em meados do século passado. Assim, avaliaram a obra como «naïve», «simples»; «fantástica», «mágica», própria de um mundo em que a cultura científica estava em declínio. A popularidade deste tipo literário também pode ser considerada um fenómeno específico de receção da cultura literária e das circunstâncias materiais em que esta passou a ocorrer. Os bestiários, e em particular *O Fisiólogo* como protótipo deste género, são também favorecidos pelas novas circunstâncias da difusão do saber que se generalizam no fim do mundo antigo: a evolução do *uolumen*, ou do rolo, para o *codex*, ou seja, para «o livro» tal como o temos, com uma sucessão de «rectos» e «versos» orientada horizontalmente, disponível na mesa ou na estante do leitor, associada a uma maior prática da leitura silenciosa e individual, que o leitor controla, a ocorrer num espaço de pouca mobilidade. Este processo compositivo por coordenação de peças independentes, acrescentadas a um conjunto inicial, não trouxe, como é evidente, grande estabilidade ao corpus textual de *O Fisiólogo* (ver n. 5).

considerados consequência de algumas características dos tempos medievais. Assim, *O Fisiólogo* proporcionava uma janela aberta sobre um mundo natural inacessível e já desaparecido, viagem a um tempo e a espaços distantes, mais cosmopolitas como haviam sido os do Oriente romano, com uma maior exposição à diversidade natural. Os bestiários medievais continuariam a responder a essa apetência humana e universal, pela descoberta e compreensão do que é novo e diferente, do que está para além da vizinhança e do familiar. Simultaneamente, propunham uma ordem de segurança na apropriação de um mundo misterioso que se tenta compreender e racionalizar. Revelar a espiritualidade e a moralidade para além da diversidade das formas naturais era, por isso, uma oportunidade para cristianizar a natureza sensível, pré-existente à Revelação da divindade de Cristo, ponto axial do cristianismo. O prólogo exprime bem este propósito de relacionar a natureza animada e diversa com o momento chave do aparecimento de Cristo:

*Acerca da natureza e do carácter dos animais, e de como estes, de sensíveis, se transformam em espirituais, e de como, a partir da natureza dos animais, o Fisiólogo esclarece e permite compreender a economia da Encarnação do Senhor, Deus e Salvador nosso Jesus Cristo.*²

Ao permitir o acesso à diversidade do mundo animal, *O Fisiólogo* está ao serviço de dois propósitos: um didático e informativo, apostado no conteúdo descritivo das formas naturais, outro formativo, constituído a partir de um conteúdo exegético e moralizante. O ser animal é descrito; faz-se uma breve exposição e argumentação acerca da sua presença, ou previsibilidade, de acordo com os textos sagrados. Por fim, num propósito moralizante, extraem-se as lições de vida para a conduta do homem. Sob uma aparência simples, portanto, esconde-se um propósito espiritual, como o brevíssimo prólogo que enceta o texto denuncia.

Comentemos o texto: a atenção sobre a morfologia e o comportamento dos animais permite esclarecer os mistérios da Revelação de Cristo. Aos olhos contemporâneos, trata-se de um projeto arrojado,

² Apud Zucker (2005): 51 Περὶ τὰς φύσεις καὶ θέσεις τῶν ζῴων καὶ πῶς ἀπὸ τῶν αἰσθητῶν εἰς πνευματικὰ μεταβάλλονται καὶ πῶς ἀπὸ τῆς τῶν ζῴων φύσεως τὴν ἔνσαρκον οἰκονομίαν τοῦ κυρίου καὶ θεοῦ καὶ σωτῆρος ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ παρεμφαίνει καὶ ἀποσημαίνει ὁ Φυσιολόγος. Ver Dias (2012) 31.

aquele a que *O Fisiólogo* se propõe: compreender Cristo a partir da observação dos animais? Não será desmedida, ou mesmo estranha esta ambição? O foco para entender este propósito deve incidir sobre o conceito de transformação (*metaballein*). Os animais, seres físicos, tornam-se, pela exegese moral de *O Fisiólogo*, e no plano do discurso interpretativo, seres espirituais, *apo physeos eis pneumatika*. Assim se torna manifesto (*paremphaínein*) o processo inverso ocorrido em Cristo, mistério difícil de entender, pois, de ser divino e entidade espiritual, transformou-se em substância corporal (à letra: *eis ten ensarkon oikonomian*, «a economia carnal do Senhor»).

Entender a dinâmica entre a carne e o espírito, no caso dos animais, esclarecerá a dinâmica entre o espírito e a carne, num processo que é claramente analógico. Assim se justifica o «*houtos*» que se segue à descrição do animal, e que introduz a transposição de uma realidade física para o plano religioso, espiritual, e seguidamente para o plano moral.

Do ponto de vista compositivo, *O Fisiólogo* funde características de géneros literários e de discursos tradicionais desenvolvidos no Mundo Antigo, em particular do gosto enciclopédico característico da ciência alexandrina pagã, judaica e cristã que animou a megalópole de Alexandria entre o séc. III a.C. e o séc. III d.C. Na composição de *O Fisiólogo* cruzam-se a descrição zoológica, a fábula, a paráfrase bíblica, a alegoria interpretativa e a parábola evangélica. Esta obra sintetiza cinco tradições culturais, convergentes no espaço multicultural de Alexandria: a zoologia grega, o esoterismo egípcio, a mística judaica, a exegese alexandrina e a teologia cristã da salvação, centrada na interpretação da pessoa de Cristo³. O seu ponto de partida está provavelmente no séc. II d.C., no Egipto, então o centro do cristianismo erudito, altura em que a escola exegética alexandrina, desenvolvida por Clemente de Alexandria e por Orígenes, desenvolveu a interpretação alegórica do texto bíblico, em continuidade com a pedagogia e os métodos de Filon de Alexandria, sancionando a hermenêutica literária da erudição pagã e a interpretação alegórica judaica para o serviço da catequese e explicitação dos textos sagrados à luz do cristianismo⁴.

³ Op. cit. 25.

⁴ O Fisiólogo, instância emissora do discurso, figura na obra com o sentido empregado por Aristóteles na sua obra *A Geração dos Animais*, ou seja, «*O Naturalista*». A obra já era conhecida por Justino Mártir (martirizado em 165 a.C) e Orígenes (séc. III). *O Hexameron, o Comentário aos Seis dias da Criação* de Ambrósio de

Propomos partir do testemunho de *O Fisiólogo* acerca do ser fantástico que é a «serpente tartaruga», que vamos considerar enquanto texto de receção de conceitos bíblicos acerca da ordem e categorias no mundo natural. Sem pretendermos esgotar o assunto, propomos explorar o testemunho de *O Fisiólogo* acerca da serpente tartaruga enquanto ponto de partida para a perceção medieval dos «monstros do mar». Disponibilizamos o texto grego segundo a edição de Zucker e a tradução em Português, da nossa responsabilidade⁵:

Ὁ Σολομὼν ἐν ταῖς Παραοιμίαις παραινεῖ διδάσκων καὶ λέγων.

«Μὴ πρόσεχε φαύλη γυναικί

Μέλι γὰρ ἀποστάζει ἀπὸ χειλέων γυναικὸς πόρνης, ἢ πρὸς καιρὸν λιπαίνει σὸν φάρυγγα ὕστερον δὲ πικρότερον χολῆς εὐρήσεις καὶ ἠκονημένον μᾶλλον μαχαίρας διστόμου. Τῆς γὰρ ἀφροσύνης οἱ πόδες κατάγουσι τοὺς χρωμένους αὐτῇ μετὰ θάνατον εἰς τὸν Ἄϊδην.»

Ἔστιν κῆτος ἐν τῇ θαλάσσει ἀσπιδοχελῶν λεγόμενον, δύο φύσεις ἔχον. Πρῶτη αὐτοῦ φύσις αὕτη ἐὰν πεινάσῃ, ἀνοίγει τὸ στόμα αὐτοῦ, καὶ πᾶσα εὐωδία ἀρωμάτων ἐκ τοῦ στόματος αὐτοῦ ἐξέρχεται. Καὶ ὀφραίνονται οἱ μικροὶ ἰχθύες, καὶ στοιβάσσονται εἰς τὸ στόματος αὐτοῦ, καὶ καταπίνει αὐτούς. Τοὺς δὲ μεγάλους ἰχθύας οὐχ εὐρίσκω ἐγγίζοντας τῷ κῆτει, οἷον Μωϋσῆς τέλειος ἰχθύς Ἡλίας, Ἡσαίας, Ἰερεμίας, Ἰεζεκιήλ καὶ πᾶς ὁ χορὸς τῶν προφητῶν. ὡς ἐξέφυγεν Ἰουδίθ Ὀλοφέρνην, Ἐσθῆρ Ἀρταξέρξην, Θέκλα Θάμυριν, Σοθσάννα τοὺς πρεσβυτέρους.

Milão, bem como alguns tratados de Rufino de Aquileia (séc. IV), dão já conta de haver conhecimento de uma versão latina do texto. As versões conhecidas noutras línguas contemporâneas do Grego, a saber, o Latim, o Copta, o Siríaco, o Árabe e o Arménio, foram já realizadas depois de estabilizada a evolução. Zucker (2005) 13.

⁵ Zucker (2005) 132-133. Na p. 45, o Autor apresenta a problemática das edições modernas do texto. O A. decidiu editar, traduzir e comentar os 64 capítulos de *O Fisiólogo*, ou seja, o conjunto dos seres naturais do corpus: 49 capítulos do texto da primeira coleção integral; mais os 15 capítulos de animais procedentes da 2ª e da 3ª coleção que estão ausentes do texto de base dos 49 capítulos. O A. assume ter rejeitado os animais originais que constam da 4ª coleção, por a considerar «tardia e medíocre». Citamos o editor: «La complexité de la littérature «physiologique» et l'absence d'une délimitation nette du corpus et d'un catalogue défini (et pour ainsi dire canonique) des animaux oblige à faire deux choix, ainsi, aucune traduction moderne du texte grec n'offre la même sélection: la traduction italienne embrasse 49 chapitres, l'allemande 55, et l'espagnole 55 également mais...ce ne sont pas les mêmes». Assim, para a primeira coleção, o texto de Zucker segue a ed. de Offermans (1966); revista, para a 2ª e 3ª coleção, a partir dos contributos de Sbordone (1936).

Δευτέρα φύσις τοῦ κήτους; Μέγα ἐστὶν πάνυ. Γίνεται ὁμοιον νήσω. ἀγνοοῦσιν οἱ ναῦται καὶ δέννουσιν τὰ πλοῖα αὐτῶν εἰς αὐτὸ ὡς ἐν νήσῳ, καὶ τὰς ἀγκύρας καὶ τοὺς πασσάλους πῆσσοσιν τῶν πλοίων αὐτῶν. ἄπτουσιν δὲ ἐπάνω τοῦ κήτους πυρὰν εἰς τὸ ἐψῆσαι τὰ δοκοῦντα αὐτοῖς. ἐὰν οὖν θερμανθῆ, ἐξείνης δύνει εἰς τὸν βύθον καὶ βυθίζει τὰ πλοῖα.

Οὕτως καὶ σὺ, ὦ ἄνθρωπε, ἐὰν κρεμάσης ἑαυτὸν τῇ ἐλπίδι τοῦ διαβόλου καὶ τῇ ματαιότητι τοῦ πλάνου βίου, βυθίζει ἅμα σὺν αὐτῷ εἰς τὴν γέενναν τοῦ πυρός.

Καλῶς οὖν ὁ Φυσιολόγος ἔλεξεν περὶ τῆς ἀσπιδοχελώνης.

Salomão, nos seus Provérbios, exortava, ensinando e dizendo assim: «Não te aproximes da mulher perversa. Porque os lábios da mulher devassa destilam mel e imediatamente uma substância untuosa te escorre para dentro da boca: mas depois tu descobrirás que tudo isso é mais amargo do que a bÍlis e mais afiado do que uma espada de dois gumes. Porque os passos da insanidade precipitam para a morte e para o Hades os que se dão com ela.»⁶

Há um monstro marinho no mar que se chama «víbora-tartaruga» e que tem duas naturezas:

Aqui está a primeira: quando tem fome, abre a boca, e da sua boca se exala por toda a parte uma sinfonia de odores. Os peixes pequenos sentem-no e mergulham dentro da sua boca. Então o monstro engole-os.

Mas sei que os peixes grandes, à imagem de Moisés, peixe adulto, Elias, Isaías, Jeremias e Ezequiel, e todo o coro de profetas, não se aproximam do monstro. Assim fugiram Judite de Holofernes, Ester de Artaxerxes, Tecla de Tamírís, e Susana dos anciãos.

Aqui está a segunda natureza do monstro: é enorme. Parece uma ilha. Os marinheiros não o reconhecem e amarram o seu navio, como se fosse uma ilha; lançam âncora e prendem os ferros para o fixar. Fazem fogo no cimo do monstro para cozinhar o que têm vontade. Mas mal o monstro sente o calor, mergulha subitamente para as profundezas e arrasta o navio.

Assim é para ti, ó homem: se tu te amarras a uma esperança que está fixada no diabo e à vaidade de uma vida instável, mergulharás com ele no fogo da gehena.

⁶ Prov 5.3-5.

O nome deste ser resulta de um composto *aspis+chelon* «áspide-tartaruga» que preservámos na tradução. As versões em latim identificam logo o animal por *ballena*, como veremos. Não se trata exatamente de um animal fantástico, embora, na Antiguidade, não fosse fácil ver cetáceos vivos: observar estes animais no seu habitat apresentava dificuldades logísticas hoje ultrapassadas pela tecnologia, além de no Mar Mediterrâneo não serem abundantes, particularmente os cetáceos de grande porte. O conhecimento da fisiologia da baleia resultaria mais da observação dos animais mortos que dariam à costa, ou de relatos indiretos de viajantes por costas mais longínquas⁷.

O nome composto aqui presente está de acordo com a dificuldade de entender a fisiologia deste animal, a que só se chega por aproximação com outras espécies. Daqui resulta esta definição híbrida, expressa no nome composto: não sendo um peixe, vive no mar como a tartaruga (*chelon*-«tartaruga» é um termo que aponta para a espessura da pele). É enorme, de largo dorso, como a tartaruga. É um animal predador, alimentando-se de peixes, que entram na sua boca imensa. Este processo corresponde ao modo de alimentação das baleias de barbas, que aspiram pequenos seres marinhos (krill, cardumes de pequenos peixes) juntamente com um grande volume de água, de que se libertam através do espiráculo.

A referência à serpente, um réptil tal como a tartaruga, é mais subtil. Como os ofídios, esta «víbora-tartaruga» está desprovida de membros. Numa observação superficial, os cetáceos também, embora os tenham vestigiais, no que vulgarmente se designa por «barbatanas». As serpentes são seres esquivos. É um ser desde o *Génesis* associado à dissimulação, mentira e capacidade de sedução. A serpente enganou e seduziu Eva pela palavra, o que afastou o par genesíaco do Jardim do Éden. Assim, o Fisiólogo começa por evocar o dito de Salomão (Prov 5.3-5), acerca da perigosidade de algumas mulheres: as que destilam mel da sua boca – isto é, as de palavras doces – que, uma vez engolido pelo homem, sabe a bília e pica. Ou seja, a sua doçura transforma-se em amargura, arrastando o homem para a insanidade e para o Hades (aqui numa interessante síntese entre «os infernos» clássicos, o reino subterrâneo de Hades e o inferno cristão).

⁷ Plin. *H.N.* 9.3, acerca da gigantesca fauna marinha do oceano Índico; 32, 10, identificando como fonte Juba II, cativo berbere de Júlio César e futuro rei da Numídia, que teria reportado ao imperador Octávio Augusto a aparição de um gigantesco cetáceo a entrar pelo Mar Vermelho (Coulter (1926) 33).

As duas componentes do monstro são analisadas: a primeira das suas naturezas aproxima-o do primeiro ser, o réptil serpente, que beneficia da desorientação das suas presas, seduzidas pela complexidade de odores emanados da sua boca. Os peixes entram na sua boca aberta e este ser engole-os. Entre a citação dos Prov. e esta primeira natureza modifica-se a sensação veículo de atração, que passa de auditiva a olfativa. A corroborar a associação entre os mamíferos marinhos e a nota olfativa, sabe-se que dos mamíferos marinhos se extraem substâncias odoríferas (e.g. o espermacete, à letra *sperma+cetos*, «semente de baleia», segregado por uma glândula na cabeça dos cachalotes) e da sua gordura se extrai o óleo por muito tempo usado como base para a cosmética e perfumaria. Mas este elemento descritivo pode ser apenas resultado de um preenchimento de uma informação lacunar, com base na experiência da observação: um ser que aspira água e peixes e que expela água pela abertura nasal (o espiráculo dos cetáceos) pode ser o equivalente marinho de um ser a inspirar e a expirar, movimento de respiração que é praticamente impercetível nos animais terrestres, mas bem visível nos animais marinhos, e o mais fácil método de os localizar no mar.

As presas deste animal são os pequenos peixes, tal como as presas das mulheres sedutoras são os homens imprudentes⁸. Os sábios, peixes de grande porte, mantêm a distância. Os profetas Moisés, Elias, Jeremias não se aproximaram delas. Já Judite, Ester, Tecla e Susana fogem dele. São quatro mulheres, caras à piedade judaica e cristã, três delas personagens do AT e Tecla, uma lendária protomártir do séc. II, conhecida a partir dos *Atos de Paulo e Tecla*⁹. Neste passo, a referência às mulheres sensatas limita os exageros de uma leitura misógina do texto. De facto, todos, homens e mulheres, podem ser tentados por palavras de mel. Os homens sábios ignoram-nas, as mulheres sábias fogem delas, mas a tentação, quando nasce, é para todos...

⁸ A perigosidade associada ao género feminino encontra-se também presente na descrição de um outro ser, a sereia, assunto de uma entrada em *O Fisiólogo* (Dias (2012) 29-39).

⁹ A referência a Tecla e Tamíris, personagens de um romance religioso, com o mesmo estatuto de heroínas do AT, composto em língua grega no séc. II, em Alexandria, *Atos de Paulo e de Tecla*, de extrema divulgação e popularidade no mundo antigo anterior ao Conc. de Niceia, contribui para situar a composição de *O Fisiólogo* na Alexandria cristã do séc. II.

A segunda natureza do monstro aproxima-o do segundo elemento, a tartaruga. É um ser descomunal, que se confunde com uma ilha flutuante¹⁰. Assim os navegantes procuram nela atracar, fixar o ferro, acender fogo. Então este ser mergulha, arrastando os homens para as profundezas. Assim acontece com o homem que se agarra a esperanças vãs e às vaidades como se fossem terra segura, e é arrastado para o inferno. Este ser é, portanto, uma inquietante criatura em quem não se pode confiar, falso indutor de certezas que são logo destruídas.

Começamos por analisar esta zoomorfia a partir da tradição literária que está na base desta composição, que é a bíblica. Em primeiro lugar, o *Gênesis* dá razões para esta associação entre a perigosidade da mulher, que com as suas palavras arrasta o homem para a perdição, e a maldade da serpente¹¹. Em segundo lugar, e mais importante para o que nos prende, está também patente a desconfiança em relação a todos os seres que povoam a água.

Após a cosmogonia inicial, Deus cria os seres vivos segundo categorias precisas, definidas de acordo com o conhecimento de então das classes dos animais. O relato da criação constitui também um discurso de ordenação coerente do mundo exterior ao homem, inerente à compreensão do mundo visível, inanimado e animado. Sendo claro que os seres animais eram diversos, os critérios dominantes para uma classificação prévia foram o do habitat, ou seja, o do lugar

¹⁰ O tema da «ilha flutuante» encontra-se também no cap. XI do muito popular relato de viagens maravilhosas da *Navegação de S. Brandão* (*Navigatio sancti Brendani abbatis*, ver texto em Vincent (1982)), obra latina que teria sido composta em torno do séc. VIII, com bastante difusão na Idade Média europeia. Citamos, a este propósito e para o caso português, Nascimento (1998). Depois de celebrar missa no barco, os monges de S. Brandão descem a terra e acendem o fogo para cozinhar. A ilha começa a mover-se, assustando os monges. Brandão esclarece: *insula non est, sed piscis, prior omnium natantium in oceano querit semper suam caudam ut simul iungat capite...* Destaque-se, neste texto, a referência explicativa: «este, o primeiro de todos os nadadores no oceano, procura sempre a sua cauda para a juntar à cabeça» (ver legenda da Fig. 1, p. 123). A *Navigatio Brendani* confirma a nossa leitura quanto ao estatuto primordial deste ser marinho, e a sua aparência como uma ilha não decorre da proximidade morfológica com a tartaruga, mas sim por o animal reunir a cauda à cabeça, tanto que Brandão o considera «um peixe». Acerca da «ilha flutuante», tópico caro na literatura fantástica de viagens, ver Coulter (1926) 32-50.

¹¹ Gn 1.12-13. Adão foi convencido pela mulher e esta foi enganada pela serpente. Assim o confessam Adão e Eva.

em que viviam (na água; no ar; na terra seca); e o modo de vida. Neste último, destaca-se a locomoção (alguns voam; outros caminham sobre as patas; outros rastejam). Assim, no quarto dia, as criaturas que se movem nas águas são as primeiras a serem criadas, a que se seguem as aves. São assim criados «os répteis da água» (Gn 1.20. Sept. *ta hydata herpeta*; Vulg. *aquae reptile*) e as aves dos céus. No quinto dia, os animais terrestres, divididos segundo as categorias de animais domésticos, répteis e animais ferozes, são criados¹². Mas em Gn 1.26, no sexto dia, em que Deus cria o homem, já se diz que este dominará *os peixes do mar, as aves do céu, e os animais que se movem na terra*¹³. E os monstros marinhos referidos em Gn 1.20? Admitamos que os peixes podem funcionar como termo abrangente para todas as criaturas marinhas, embora a categorização dos seres que cabe ao homem dominar seja mais restrita face à diversidade da criação observável e mesmo face à referida na criação inicial. Os répteis marinhos, de facto, somem-se entre as duas enumerações, omissão que não é a única: de facto, há peixes que não são do mar. Os de água doce e dos pântanos, por muitas razões, tendem a ser desprovidos de escamas; há aves que não habitam o céu; mamíferos, seres terrestres que não são quadrúpedes, e nem todos os répteis rastejam. Ou seja, os mamíferos marinhos caem dentro da mesma incerteza que parece afetar estas espécies híbridas¹⁴.

Os animais marinhos vivem num habitat que é intrinsecamente hostil à presença do homem. Incapaz de respirar dentro de água, esta incomportabilidade pode representar-se na relação inicial entre Deus e o elemento aquático: o *Génesis* fala do espírito de Deus que «paira sobre as águas» (Gn 1.2). A vida só é criada depois que Deus separa as águas: no segundo dia, separa as águas superiores do céu, sus-

¹² Gn 1.20-21 Ἐξαγαγέτω τὰ ὕδατα ἕρπετὰ ψυχῶν ζωσῶν καὶ πετεινὰ πετόμενα ἐπὶ τῆς γῆς/ καὶ ἐποίησεν ὁ θεὸς τὰ κήτη τὰ μεγάλα καὶ πᾶσαν ψυχὴν ζῳῶν ἕρπετῶν, ἃ ἐξήγαγεν τὰ ὕδατα κατὰ γένη αὐτῶν, καὶ πᾶν πετεινὸν πτερωτὸν κατὰ γένος.

¹³ Gn 1.28 ... κατακυριεύσατε αὐτῆς καὶ ἄρχετε τῶν ἰχθύων τῆς θαλάσσης καὶ τῶν πετεινῶν τοῦ οὐρανοῦ καὶ πάντων τῶν κτηνῶν καὶ πάσης τῆς γῆς καὶ πάντων τῶν ἕρπετῶν τῶν ἐρπόντων ἐπὶ τῆς γῆς. *Dominai a terra e dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os seres vivos sobre toda a terra e sobre todas as serpentes que rastejam sobre a terra.* A versão dos Sept. é mais longa e detalhada do que a trad. port. indicada, e por isso deixamos aqui a nossa tradução do passo dos Sept.

¹⁴ Este hibridismo de algumas criaturas, as que não cabem dentro das categorias dos seres animados do *Génesis*, estão, para alguns estudiosos, na base dos interditos alimentares e dos critérios de impureza do Lv e do Deut (Douglas (1966)).

tentando-as no firmamento (as nuvens) e separa as águas inferiores (os rios e os mares) para haver terra seca. Mais do que um trabalho de criação, ocorre um trabalho de organização de matéria pré-existente, o que é corroborado pelo facto de o espírito de Deus flutuar sobre as águas, isto é, de manter-se à superfície antes de encetar a criação do mundo.

O episódio do Dilúvio e de Noé também valida esta interpretação. O instrumento da aniquilação da vida é a água, que, à ordem de Deus, retoma a unidade e a confusão primitivas¹⁵. Assim se afogam todos os animais que existem sobre a terra: aves, quadrúpedes, animais rastejantes *kata tou genous*¹⁶. Após os quarenta dias do dilúvio, o caminho percorrido pelas águas é invertido. Deus envia um sopro sobre as águas e as águas começam a descer, sendo as fontes do abismo e as cataratas do céu encerradas nos seus lugares¹⁷.

As criaturas marinhas escaparam à aniquilação, integrando a galeria de seres pré-diluvianos. É ambíguo se isso permite avaliá-los positiva ou negativamente: resilientes, vão aonde o homem não pode entrar. Pode inferir-se que Deus excluiu-os do grupo de seres a exterminar, não porque tivessem algum mérito especial para além dos outros seres, mas porque o poder de Deus não atinge os abismos aquáticos em que vivem. Esta limitação do poder divino sobre os seres vivos prolonga, de certo modo, a fragilidade da relação criativa entre Deus e o elemento líquido, como descrevemos. Pairando, Deus

¹⁵ A água também é fonte de vida. Veja-se, por exemplo as referências às águas vivas que dessedentam os veados, tal como Deus dessedenta a alma dos fiéis (Ps 42), ou as referências ao rio que nasce no templo (Ez 40.1-12) retomado no final do Apocalipse. Discutimos a ambivalência das águas em P. B. Dias (2015, no prelo).

¹⁶ Gn 6.20 *Salvar-se-ão na Arca de Noé os pares de aves, de cada espécie de quadrúpedes, de cada espécie de animais que rastejam sobre a terra – ὑπὸ πάντων τῶν ὀρνέων τῶν πετεινῶν κατὰ γένος καὶ ὑπὸ πάντων τῶν κτηνῶν κατὰ γένος καὶ ὑπὸ πάντων τῶν ἔρπετῶν τῶν ἔρπόντων ἐπὶ τῆς γῆς κατὰ γένος αὐτῶν, δύο ὑπὸ πάντων εἰσελεύσονται.*

¹⁷ No Dilúvio, Deus não cria águas novas, apenas deixa de as conter nas barreiras da terra seca e do firmamento em que as havia prendido. No início do dilúvio Gn 7.23 *τῇ ἡμέρᾳ ταύτῃ ἐρράγησαν πᾶσαι αἱ πηγαὶ τῆς ἀβύσσου, καὶ οἱ καταρράκται τοῦ οὐρανοῦ ἤνεόχθησαν – nesse dia romperam-se as fontes do grande abismo, e abriram-se as cataratas do céu.* No termo do Dilúvio, regista-se o movimento inverso, de retorno das águas à ordem que Deus lhes dera na criação: Gn 8.2: *καὶ ἐπεκαλύφθησαν αἱ πηγαὶ τῆς ἀβύσσου καὶ οἱ καταρράκται τοῦ οὐρανοῦ, καὶ συνεσχέθη ὁ ὑετὸς ὑπὸ τοῦ οὐρανοῦ – e fecharam-se as fontes do abismo e as cataratas do céu e susteve-se a chuva do céu.*

pôde controlar o movimento e o lugar ocupado pela água, mas tudo o que nela vive não é inteiramente controlado pelo seu poder.

De acordo com a estreita taxonomia do *Génesis*, certos seres apresentam uma natureza conflitiva, de acordo com habitat e com a forma de movimento, o que os torna «inclassificáveis»: peixes e monstros que se movem nas águas, lugar de acesso crítico; aves que voam no ar; animais da terra, e, entre estes, os quadrúpedes, domésticos e selvagens, e répteis que rastejam são, apesar de tudo, integráveis numa ordem. Há contudo animais de biologia e fisiologia intermédias. Encontramo-los facilmente enquanto parte integrante do catálogo de espécies excluídas enquanto alimento, embora não seja a fisiologia o único critério de exclusão. Os peixes sem escamas e cartilagineos, isto é, seres de pele lisa ou escorregadia como alguns mamíferos e os répteis – assim são os cetáceos; os peixes de aparência reptilínea, como as moreias ou os congros; anfíbios (répteis que vivem na água e na terra); as aves que não voam, como as avestruzes; ou mesmo os quadrúpedes que, sendo-o, apresentam uma morfologia distinta entre patas dianteiras e traseiras, assumindo ocasionalmente postura bípede, como os roedores¹⁸.

Se suspendermos as classes do reino animal que Carlos Lineu estabeleceu no séc. XVIII, verifica-se que o Pentateuco se integra no conjunto de classificações cientificamente confusas da Antiguidade acerca dos animais. Assim, ajusta os seres vivos a uma ordem que não corresponde exatamente à classificação, entre os vertebrados, da classe de mamíferos, peixes, répteis, aves: temos seres que vivem na água, isto é, monstros marinhos e peixes; seres alados, isto é, que voando, se apoiam na terra em dois pés; quadrúpedes, ou seja «que caminham na terra com quatro patas», divisíveis entre quadrúpedes domésticos e selvagens; e répteis, «seres que rastejam, ou escorregam sobre a terra», ou seja, as serpentes. As três últimas categorias diferenciam-se entre si pelo modo de locomoção e não tanto pelo habitat, sendo também mais familiares à vista dos homens do que os seres aquáticos.

Num esquema orientado segundo estes critérios, a observação dá-se conta da existência de criaturas intermédias. Como se classificam, por exemplo, os morcegos, as rãs, as avestruzes e baleias,

¹⁸ Lv 11; Deut 14. Dias (2010) 147-163. Douglas (1966) 57-90 apresenta uma interpretação dos interditos alimentares no Levítico de acordo com o princípio do que pode ser nomeado e categorizado pelo conhecimento humano, 57-75.

para evocar apenas os animais familiares ao espaço do mundo antigo mediterrânico?

A conceção da serpente tartaruga do *Fisiólogo* herda esta complexa ambiguidade que rodeia os seres de difícil categorização segundo os relatos da Criação. E o que Deus não criou, como vimos na análise de Gn 1, mas existe de facto como criatura? É obra de quem? A mesma omissão revela-se no segundo relato da criação, em que o homem é incumbido de dar nome a todos os seres que Deus formou (cf. vb. *plasso, eplasen*). Em Gn 2.18-20 se diz que Deus *formou todos os animais da terra e todas as aves dos céus*, cabendo ao homem, sob verificação de Deus, *nomear todos os seres vivos, para que ficassem conhecidos pelos nomes que o homem lhes desse. O homem designou com nomes todos os animais domésticos, todas as aves do céu e todos os animais ferozes*¹⁹. E o que o homem não nomeou (vb. *kalo, ekalesen*), mas mesmo assim existe? Repare-se na insistência no adjetivo «todo» (*pas, pan, panta, pasin*), de certo modo refletindo que não houve perdas entre a etapa da criação e a etapa da nomeação. Os seres da água permanecem, portanto, neste estado ambíguo, como se, existindo (um facto), tivessem escapado a esse controlo da autoridade da criação e da nomeação. Uma das razões para esta ausência pode justificar-se, como enunciámos, no facto de os seres da água, em particular os das profundidades, não serem vistos com a mesma facilidade que os outros. Como descrever este ser afastado da mundividência do observador senão a partir das características que partilha pontualmente com cada um dos tipos previamente definidos ou familiares? Essa aproximação conceptual por afinidade comparativa é o conhecimento possível acerca de uma criatura exótica, cuja descrição resulta, de si, num híbrido composto a partir de criaturas de zoomorfia inquestionável.

Estes seres mistos tornam-se veículos ideais para a expressão de determinadas inquietudes, que não é alheia à língua com que se traduz uma experiência. Em hebraico moderno, o termo para «baleia» é *leviathan*. Na Bíblia, surge em primeiro lugar no livro de Job, identificando como nome próprio um dos monstros presentes (é o nome da criatura, e não a sua classificação biológica). A tradição antiga oscila

¹⁹ Gn 2.19-20 και ἔπλασεν ὁ θεὸς ἔτι ἐκ τῆς γῆς πάντα τὰ θηρία τοῦ ἀγροῦ καὶ πάντα τὰ πετεινὰ τοῦ οὐρανοῦ καὶ ἤγαγεν αὐτὰ πρὸς τὸν Ἀδὰμ ἰδεῖν, τί καλέσει αὐτά, καὶ πᾶν, ὃ ἂν ἐκάλεσεν αὐτὸ Ἀδὰμ ψυχὴν ζῶσαν, τοῦτο ὄνομα αὐτοῦ. Καὶ ἐκάλεσεν Ἀδὰμ ὀνόματα πᾶσιν τοῖς κτήνεσιν καὶ πᾶσι τοῖς πετεινοῖς τοῦ οὐρανοῦ καὶ πᾶσι τοῖς θηρίοις τοῦ ἀγροῦ...

quanto à fisiologia atribuível a este ser, numa indefinição que as próprias traduções gregas e latina transmitem. A versão dos *Septuaginta*, texto que privilegiamos por representar a visão grega de uma língua e mundividência hebraicas, fornece o termo *drakon*. Já a Vulgata translitera o termo hebraico para latim. Sobre o *drakon*, «o dragão», no livro de Job, dizem os Sept.: *Olha de frente tudo o que é grande, é o rei dos animais ferozes*; Ps 74.14 (o sujeito é Deus) *esmagaste as cabeças do dragão, e deste-as em alimento aos povos da Etiópia*²⁰; no Ps 104.26, num Hino ao criador do Universo ...*A terra está cheia das vossas criaturas. Além o mar, grande e vasto, onde se agitam peixes sem número, / com animais grandes e pequenos. Por ele passam os navios, e o Leviatã que criastes para nele brincar*. Em Is 27.1. *Naquele dia, o Senhor ferirá com a sua espada pesada, temperada e forte a Leviathan, serpente tortuosa, e matará o monstro do mar*²¹.

Portanto, haveria um Leviathan, e não uma espécie assim chamada, condição que se dilui nas línguas clássicas com o termo escolhido. A visão helenística da serpente ou do dragão como Leviathan tem como origem a cultura helenístico-alexandrina que incorporou os textos sagrados hebraicos. É uma criatura marinha, a maior de todas, que brinca no mar, cujo ferimento e derrota constitui, para Deus, sinal de poder imenso. Na versão hebraica e no latim da Vulgata que a traduz, o Leviathan é um nome próprio de um monstro específico, que aparecerá no Apocalipse de S. João como acompanhante do demónio, o dragão vermelho cuja cauda arrasta consigo as estrelas do céu (Ap 12). Esta besta emerge do mar, de fisiologia confusa semelhante a uma pantera, com pés de urso e boca de leão (Ap 13); ela e o dragão, a serpente antiga que é Satanás, são encerrados no abismo por mil anos (Ap 20).

²⁰ Na Vulg. Ps 74.14 *tu confregisti capita Leviathan, dedisti eum escam monstribus marinis*; o que justifica a trad. nas línguas modernas – *Quebrastes as cabeças do Leviathan e as destes por comida aos monstros do mar*.

²¹ Job 40.20-41, 25 *πάν ὑψηλὸν ὄρα, αὐτὸς δὲ βασιλεὺς πάντων τῶν ἐν τοῖς ὕδασι*. Ps 73.14 (acerca do poder de Deus); *σὺ συνέθλασας τὰς κεφαλὰς τοῦ δράκοντος, ἔδωκας αὐτὸν βρῶμα λαοῖς τοῖς Αἰθίοψιν*. Ps 103.26 *ἐπληρώθη ἡ γῆ τῆς κτήσεώς σου. αὕτη ἡ θάλασσα ἡ μεγάλη καὶ εὐρύχωρος, ἐκεῖ ἔρπετά, ὧν οὐκ ἔστιν ἀριθμὸς, ζῷα μικρὰ μετὰ μεγάλων/ἐκεῖ πλοῖα διαπορεύονται, δράκων οὗτος, ὃν ἔπλασας ἐμπαίζειν αὐτῷ*; Is 27.1. *Τῇ ἡμέρᾳ ἐκείνῃ ἐπάξει ὁ θεὸς τὴν μάχαιραν τὴν ἀγίαν καὶ τὴν μεγάλην καὶ τὴν ἰσχυρὰν ἐπὶ τὸν δράκοντα ὅφιν φεύγοντα, ἐπὶ τὸν δράκοντα ὅφιν σκολιὸν καὶ ἀνελεῖ τὸν δράκοντα*.

Etimologicamente, Leviathan deriva de um termo hebraico que significa «escorregadio»; «que se contorce» (cf Is 27.1 ὄφιν σκολιὸν «serpente torcida»). Foneticamente aproxima-se do que existe no inglês para designar as baleias, «whale», do inglês antigo *hwaæl* e do proto-germânico *hwalaz*. Os idiomas nórdicos (*wal*-holandês; *Hvalt*-dinamarquês; *whoel*- anglo-saxão) e também as línguas românicas derivadas do Latim, com os termos *ballena*, *baleine*, baleia, *ballena* derivam desta família fonética. Já os termos grego e latino, *ketos*, *cetus*, que justificam o erudito, «cetáceo», põem em evidência a espessura da pele²². Temos portanto um animal de porte, de pele lisa e grossa como os mamíferos, e que rola, brincando na água.

O magnificamente iluminado Bestiário de Aberdeen do séc. XII constitui um dos exemplos da transmissão indireta de *O Fisiólogo* na Idade Média Latina. Vamos observá-lo neste artigo apenas do ponto de vista da sua recepção do texto de *O Fisiólogo*²³. Entre os fols. 72r-77r, é apresentada a última classe de animais antes das classes das plantas, do homem e das pedras, portanto, no termo das criaturas animais não humanas (uma espécie de posta restante?). Neste grupo, catalogam-se o peixe; a baleia; o espadarte; o golfinho; os porcos ou pepinos do mar (criaturas abissais conhecidas pela sua imobilidade); o crocodilo e os salmonetes.

²² Este termo serviu para designar o atum e outros grandes seres marinhos de pele lisa e grossa, ditos «com pele de couro». Assim o Português medieval e o atual Português do Brasil, para designar os peixes desprovidos de escama. Ou seja, um peixe a meio caminho de um animal com pele.

²³ Acerca da relação entre *O Fisiólogo* e os primeiros bestiários da Idade Média, ver Zucker (2005) 28-31. A tradução latina permite a chegada do texto às línguas europeias (baixo alemão, inglês antigo, islandês, normando, italiano). A par desta recepção, *O Fisiólogo*, transformado por omissões e adições; acrescentado por elementos da literatura homilética e apologética, e pela literatura científica (Plínio o Velho; Isidoro de Sevilha, e.g.), acaba por integrar os bestiários medievais. A obra de referência acerca dos bestiários e sua constituição por famílias, McCulloch (1962) e ainda, mais actual, Clarke et McNunn (1989). Dedicado especificamente ao Bestiário de Aberdeen, recomendamos o site <https://www.abdn.ac.uk/bestiary/bibliography.hti>, da Universidade de Aberdeen, em que o mesmo surge on line. Com informação exhaustiva sobre a tradição textual do bestiários e a sua organização por famílias de transmissão, recomenda-se a consulta de <http://bestiary.ca/> e de, http://bestiary.ca/articles/family/mf_intro.htm, com as últimas atualizações em 2011.

O texto contido no ms. é constituído, fundamentalmente, por excertos das *Etimologias XII* do *De Animalibus* de Santo Isidoro²⁴. A reunião de animais de espécies tão distintas (peixes, mamíferos marinhos, moluscos, répteis) nestes dois testemunhos reforça a nossa interpretação de que nas culturas antigas, clássicas e hebraica, os seres da água eram confusos e difíceis de classificar, em primeiro lugar porque não se pode aceder ao seu habitat. Isidoro justifica esse facto com argumentos claros acerca da dificuldade de compreensão de um ser que se vê pouco. A descrição isidoriana, inclusive, inverte a ordem da criação no *Génesis* (primeiro os peixes e as aves, depois os outros seres), explicando a tardia classificação dos peixes com o contacto mais tardio que os homens terão tido com eles e com o princípio da semelhança, que funciona para os animais mais familiares e se distancia com seres que se veem menos:

Os homens puseram os nomes ao gado doméstico e aos animais selvagens antes dos peixes, porque os viram e os conheceram primeiro. Aos poucos, de facto, os nomes para os géneros conhecidos dos peixes foram estabelecidos depois, seja a partir da sua semelhança com animais terrestres, seja a partir da sua espécie específica e dos seus hábitos.

Numa subdivisão dos *pisces*, os *reptilia* são aqueles que nadam como se rastejassem e apesar de mergulharem para as profundezas, também nadam à tona²⁵; os *amphibia* são os que andam na terra, mas também conseguem nadar na água. Nesta categoria, são enumerados os hipopótamos, as focas, os crocodilos. Para Isidoro, as baleias são também um tipo de peixe²⁶. E, traduzindo:

...as baleias são animais selvagens de enorme tamanho, chamadas assim porque expellem ou engolem as águas, de facto, lançam-nas

²⁴ Lindsay (1911), disponibilizada em <http://www.thelatinlibrary.com/isidore.html>. As traduções das *Etym.* aqui apresentadas são da nossa responsabilidade.

²⁵ Isid. *Orig.* 12.6.4. *Pecoribus autem et bestiis et volatilibus antea homines nomina inposuerunt quam piscibus, quia prius visa et cognita sunt. Piscium vero postea paulatim cognitis generibus nomina instituta sunt aut ex similitudine terrestrium animalium, aut ex specie propria sive moribus.*

²⁶ Isid. *Orig.* 12.6.7-8. *Ballenae autem sunt inmensae magnitudinis bestiae, ab emittendo et fundendo aquas vocatae; ceteris enim bestiis maris altius iaciunt undas; BALLEIN enim Graece emittere dicitur. [8] Cete dicta TO KETOS KAI TA KETE, hoc est ob inmanitatem. Sunt enim ingentia genera beluarum et aequalia montium corpora; qualis cetus exceptit Ionam, cuius alvus tantae magnitudinis fuit ut instar obtineret inferni, dicente Propheta (2,3): «Exaudivit me de ventre inferni».*

mais longe do que os restantes animais. Em Grego, BALLEIN é como se diz «lançar». Esta é dita «cetáceo «to ketos ta kete», por causa da sua monstruosidade. Há de facto gigantescos géneros de baleias, com corpos iguais a montes; essa mesma baleia cuspiu Jonas, cujo ventre era tão grande que parecia que tinha atingido o inferno, segundo o profeta (Jon 2.3) «...escuta-me a partir do ventre do inferno».

Isidoro apresenta, com objetividade e sem interpretações moralizantes, a classificação dos animais da água, características que se transferem para o Bestiário de Aberdeen. Mas nesta obra, as informações acerca da fisiologia da baleia contidas na mais conhecida enciclopédia no mundo medieval que eram os vinte livros das *Etimologias*, associam-se à interpretação moralizante colhida de *O Fisiólogo* acerca da serpente tartaruga, o que destacamos pelo sublinhado do texto latino apresentado em nota e que aqui traduzimos²⁷:

...do mesmo modo sofrem os que não acreditam, e apoiam a sua esperança nas astúcias do diabo e, presos às suas obras, com ele mergulham no fogo da Gehena; a natureza da baleia é tal que, quando emerge, abre a boca e exala um odor cheiroso, cuja doçura, mal a sentem os peixes menores, se reúnem dentro da boca dela. Quando perceber, enfim, que a cavidade está cheia, fecha-a logo, e engole-os. Assim sofrem os que têm pouca fé e estão presos ao alimento dos prazeres e dos deboches como se, por meio de determinados odores, fossem deglutidos logo pelo diabo.

Em *O Fisiólogo*, o ser real que é a baleia, ou o mamífero marinho cetáceo, só se vislumbra através de um ser fantástico, híbrido, composto pelas características de duas espécies conhecidas. A inquietude

²⁷ Bestiário de Aberdeen, séc. XIII: Texto latino fol. 72v-73r: *Incipit de piscibus \ Pisces dicti unde et pecus, a pascendo scilicet. \ Reptilia ideo dicuntur hec que natant, eo \ quod reptandi habeant speciem et naturam. \ Quamvis se in profundum mergant, tamen \ in natando repunt. Unde et David ait: Hoc mare magnum et spaciosum manibus illic reptilia quorum \ 73r: [De balena] \ [A ... Sic illi paciuntur qui incredulo animo sunt, et ignorant diaboli astucias spem suam in eum ponentes, atque suis operibus se obligantes, simul merguntur cum illo in Gehennam ignis. Natura belue est \ talis quando esurit aperit os suum, et odorem quendam bene \ olentem exalat de ore eius, cuius dulcedinem ut sentiunt minores pisces, congregant se in ore eius. Cum vero senserit os suum \ esse repletum, subito claudit os suum et transglutit eos. Sic paciuntur illi qui sunt modice fidei addicti voluptatibus et lenociniis ad escam, quamsi quibusdam odoribus subito absorbentur a diabolo. \ Item de balena \ Balene autem balein.*

e a desconfiança suscitada por este ser de morfologia confusa absorve o que pensamos ser a inquietude e incerteza acerca da água e das criaturas que nela habitam, logo evidentes no Génesis mas constantes noutros passos da literatura bíblica. A distância para com a baleia real é tão evidente que o A. de *O Fisiólogo* não lhe associa a mais célebre baleia, ou monstro marinho, do AT, aquele que engole no seu ventre o Profeta Jonas. Esta associação é, no entanto, proporcionada por Isidoro de Sevilha, que junta, na sua enciclopédia, as duas naturezas: a do ser fantástico que é a serpente tartaruga e a do ser natural que é a baleia. O Bestiário de Aberdeen, apresentado como exemplo da dinâmica da recepção de um tema do mundo natural e do mundo religioso e espiritual, adapta a versão isidoriana à leitura fantástica, alegorizada e distante da observação do ser real que não consegue nomear, de *O Fisiólogo*. Por isso, somos levados a concordar com Patrícia Cox quando conclui, no estudo citado, que o afastamento face à realidade natural e observável em *O Fisiólogo* não pode ser interpretado como um estrito sinal de fechamento ou empobrecimento do conhecimento científico. Na verdade, Isidoro, num discurso mais objetivo e menos alegórico, identificou a baleia, assim como o Bestiário de Aberdeen foi capaz de lidar com as duas naturezas e com os dois discursos, um informativo e descritivo, o outro alegórico e moral.

Bibliografia

Fontes

- Bestiário de Aberdeen*, Aberdeen University Library (última modificação 1995), <https://www.abdn.ac.uk/bestiary/> [15.04.2015].
- Bíblia Sagrada* (¹¹1984), Lisboa, Difusora Bíblica.
- Bíblia Vulgata* (⁹1994) (abrev. Vulg.), Madrid, Colunga-Turrado ed., BAC.
- Septuaginta* (1979), A. Rahlfs ed., Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft.
- W. M. Lindsay (1911), *Isidori Hispalensis Episcopi Etymologiarum sive Originum Libri XX*, Oxford, Oxford University Press.
- D. Offermanns (1966), *Der Physiologus nach den Handschriften G und M*, Series: Beiträge zur klassischen Philologie, Heft 22, Meisenheim am Glan: Anton Hain.
- M. A. Redín et N. Guglielmi (1971) *El Fisiólogo. Bestiario Medieval*, Rivadavia, Editorial Universitaria de Buenos Aires.
- F. Sbordone (1936), *Physiologi graeci singulas uariarum aetatum recensiones codibus fere omnibus tunc primum excussis collatisque*, Milan, Aedibus Societatis “Dante Alighieri”.
- A. Zucker (2005), *Physiologos, Le Bestiaire des Bestiaires*, Grenoble, Éditions Jérôme Millon.

Estudos

- W. B. Clark et M. T. McMunn (1989), *Birds and Beasts of the middle Ages: the Bestiary and its Legacy*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- C. C. Coulter (1926), «“The Great Fish” in Ancient and Medieval Story», *TAPhA* 57, 32-50.
- P. Cox (1983) «The *Physiologus*: A Poiesis of Nature», *ChHist* 52.4, 433-446.
- M. J. Curley (1980), «Physiologus, Physiologia and the Rise of Christian Nature Symbolism», *Viator* 2, 1-10.
- P. B. Dias (2010), «O peixe para os judeus e para os cristãos: leituras de um símbolo à luz da cultura greco-romana», *Humanitas* 62, 147-163.
- _____ (2012), «Os Onocentauros e as Sereias: testemunho de O Fisiólogo», *Boletim de Estudos Clássicos* 57, 29-39.
- _____ (2015, no prelo), «Das águas que matam à água que salva: simbologia da água em alguns passos dos Evangelhos» in *Congresso O Melhor de tudo é a água – Real e simbólico: da Antiguidade aos nossos dias*.
- M. Douglas (1991), *Pureza e perigo. Ensaio sobre as noções de poluição e tabu*, S. Pereira da Silva, trad. port. (ed. orig. 1966), Lisboa, Edições70.
- J. A. Emerton (1982), «Leviathan and Ilt: The Vocalization of the Ugaritic Word for the Dragon» *VT* 32, 327-331.
- N. K. Kiessling (1970), «Antecedents of the Medieval Dragon in Sacred History», *JBL* 89, 167-177.
- F. McCulloch (1962), *Medieval Latin and French Bestiaries*, Chapel Hill, University of North Carolina Press.
- D. P. Miquel (1991), *Dictionnaire symbolique des animaux. Zoologie Mystique*, Paris, Le Léopard d’Or.
- A. Nascimento (1998), *A Navegação de São Brandão nas Fontes Portuguesas Medievais*, Lisboa, Colibri.
- C. K. Patton (2000), «“He Who Sits in the Heavens Laughs”: Recovering Animal Theology in the Abrahamic Traditions», *HThR* 93, 401-434.
- G. Vincent (1982), *Recherches sur la Navigation de Sainct Brendan Abbé*, éditions Càracara, http://www.classicalitaliani.it/intro_pdf/Guy_Recherche.pdf [20/06/2015].
- J. Voisenet (2000), *Bêtes et hommes dans le monde Médiéval. Le bestiaire des clercs du V au XII siècle*, Turnhout, Brepols.
- M. K. Wakeman (1969), «The Biblical Earth Monster in the Cosmogonic Combat myth», *JBL* 88.3, 313-320.
- H. Wallace (1948), «Leviathan and the Beast in Revelation», *Biblical Archaeologist* 11, 61-68.
- A. Zucker (2005), *Physiologos, Le Bestiaire des Bestiaires*, Grenoble, Éditions Jérôme Millon.

Editor Principal:
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos:
Amílcar Guerra
Luís Manuel de Araújo

Assistentes de Edição:
Catarina Almeida
Eduardo Ferreira
Maria Fernandes
Martim Aires Horta
Tiago de Oliveira Alves

Redacção:
Amílcar Guerra
António Joaquim Ramos dos Santos
Cláudia Teixeira
José Candeias das Sales
Luís Manuel de Araújo
Maria Ana Valdez
Maria de Lurdes Palma
Nuno Simões Rodrigues
Ricardo Tavares
Rogério Sousa
Telo Ferreira Canhão

Comissão Científica:
Antonio Loprieno
Eva Cantarella
Francolino Gonçalves
Giulia Sissa
John J. Collins
José Augusto Ramos
José Manuel Roldán Hervás
José Ribeiro Ferreira
Josep Padró
Judith P. Hallett
Juan Pablo Vita
Julio Trebolle
Ken Dowden
Lloyd Llewellyn-Jones
Maria Cristina de Sousa Pimentel
Maria de Fátima Sousa e Silva
Monica Silveira Cyrino

2015



LISBOA

Centro
de História

Α Β Γ Δ Ε Ζ Η Θ Ι Κ Λ Μ Ν Ξ Ο Π Ρ Σ Τ Υ Φ Χ Ψ Ω

תורה נביאים וכתובים ספר ד

FACTVRVSNE OPERAE PRETIVM